



AVALIAÇÃO DO USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR ESTUDANTES DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

¹Letycia Longhi Scolaro; ²Eliane Aparecida Campesatto Mella.

RESUMO: A depressão é definida como uma síndrome de vários mecanismos patogênicos e etiológicos, oriundos de um déficit de neurotransmissores monoaminérgicos. Estima-se que acometa de 3% a 5% da população geral. Tal doença é facilmente reconhecida através de seus sintomas característicos. Indivíduos com quadros depressivos diminuem o rendimento no estudo, no trabalho e em seus afazeres cotidianos. Atualmente, em nosso sistema social, a juventude pode ser considerada um dos segmentos especialmente sobrecarregados e/ ou desprotegidos, devendo ser de prioridade na demanda de esforços para proteção e promoção da saúde. Este trabalho teve por objetivo avaliar o uso de antidepressivos por estudantes de uma Instituição Superior. Sabendo que os acadêmicos sofrem de altos níveis de estresse, ansiedade e depressão, além de dificuldades nos relacionamentos interpessoais, dependência de álcool e outras drogas e até tentativa de suicídio, aplicou-se um questionário a 368 acadêmicos onde foi possível analisar o uso de antidepressivos nesta população especial. A amostra foi admitida partindo do total de alunos do centro universitário com confiança de 95% e um erro de 5%. A prevalência do uso de antidepressivos foi maior que o acometimento a população geral e os medicamentos utilizados pertenciam ao subgrupo químico terapêutico de Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina.

PALAVRAS-CHAVE: Antidepressivos; Depressão; Estudantes.

INTRODUÇÃO

A depressão é definida como uma síndrome de vários mecanismos patogênicos e etiológicos, oriundos de um déficit de neurotransmissores monoaminérgicos (RANG et al., 2003; FINLEY; LAIRD; BENEFIELD, 2004; BALDESSARINI, 2006). Estima-se que acometa de 3% a 5% da população geral (TENG; HUMES; DEMETRIO, 2005).

Para Esteves e Galvan (2006) a depressão é facilmente reconhecida através de seus sintomas, descritos como apatia, irritabilidade, perda de interesse, tristeza, atraso motor ou agitação, idéias agressivas, desolação e múltiplas queixas somáticas, como insônia, fadiga e anorexia.

O tratamento da depressão consiste em tratamento não farmacológico, que é subdividido em psicoterapia, fototerapia e eletroconvulsoterapia e o tratamento farmacológico, que consiste no uso de drogas antidepressivas (FINLEY; LAIRD; BENEFIELD, 2004).

Atualmente, em nosso sistema social, a juventude pode ser considerada um dos segmentos especialmente sobrecarregados e/ ou desprotegidos, devendo ser de

1 Acadêmica do Curso Farmácia. Departamento de Farmácia - Centro Universitário de Maringá – CESUMAR,

Maringá – PR. letydia_scolaro@hotmail.com

2 Docente do CESUMAR. Departamento de Farmácia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. elianemella@cesumar.br

prioridade na demanda de esforços para proteção e promoção da saúde (CONTE; GOLÇALVES, 2006).

De acordo com estudo de morbidade referida entre universitários de medicina, a prevalência de transtornos mentais nesta população é superior à encontrada na população geral, dada ênfase a depressão com índice de 31,6%. Os autores justificam tal índice pela falta de tempo livre para lazer destes acadêmicos (CONTE; GOLÇALVES, 2006).

O objetivo deste estudo é avaliar o uso de antidepressivos entre estudantes de uma instituição de Ensino Superior do município de Maringá, assim como, verificar a prevalência do uso destes medicamentos e apontar as características do usuário. Descrever os subgrupos químicos terapêuticos utilizados, efeitos colaterais apresentados e tempo de uso dos medicamentos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para determinação da amostra, partiu-se de um total de 8926 acadêmicos matriculados no período em que se realizou o cálculo da amostra. Com o auxílio da calculadora do programa estatístico Epi Info, calculou-se uma amostra probabilística de 368 acadêmicos admitindo-se um intervalo de confiança de 95% e uma margem de erro de 5%. A partir do número obtido, fez-se a distribuição proporcionalmente por área de ingresso acadêmico, estando a seguir o número de participantes do presente estudo por área de ingresso acadêmico: Ciências Sociais Aplicadas: 150 acadêmicos; Ciências Exatas e da Terra: 30 acadêmicos; Ciências agrárias: 25 acadêmicos; Ciências Humanas: 40 acadêmicos; Lingüística, Letras e Artes: 12 acadêmicos; Ciências Biológicas: 14 acadêmicos; Ciências da Saúde: 97 acadêmicos.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética juntamente do questionário e do termo de consentimento livre e esclarecido. A coleta de dados realizou-se em agosto de 2007, através de um questionário de autopreenchimento, probabilístico, contendo questões sobre o perfil sociodemográfico dos acadêmicos, além de questões que levantem o uso dos medicamentos pesquisados e suas características.

A partir dos dados obtidos com a aplicação dos questionários foi feita uma análise quantitativa dos mesmos, avaliando o uso de antidepressivos entre os acadêmicos, bem como as características dos mesmos tais como faixa etária, renda familiar, área de ingresso acadêmico, entre outras. Os conceitos de média e desvio padrão também foram utilizados na análise estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em resultados preliminares envolvendo as áreas de Ciências da Saúde e Humanas (104 participantes), 8,65% (9) relataram uso de algum medicamento antidepressivo (Figura 1), sendo que 77,78% (7) dos usuários eram do sexo feminino e 22,22% (2) do sexo masculino. De acordo com Teng; Humes; Demetrio (2005) a depressão acometa de 3% a 5% da população geral. Em estudos de morbidade referida entre universitários de medicina, a prevalência de transtornos mentais nesta população é superior à encontrada na população geral, dada ênfase a depressão com índice de 31,6%. Os autores justificam tal índice pela falta de tempo livre para lazer destes acadêmicos (CONTE; GOLÇALVES, 2006). Indivíduos com quadros depressivos diminuem o rendimento no estudo, no trabalho e em seus afazeres cotidianos (FUREGATO et al., 2006).

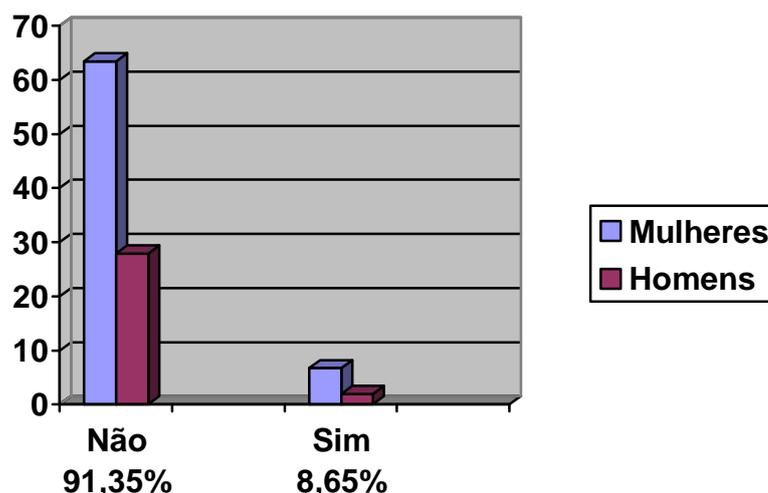


Figura 1. Acadêmicos que utilizam antidepressivo.

Todos os usuários de medicamento antidepressivo fazem uso de um Inibidor Seletivo da Recaptação de Serotonina (ISRS), sendo que 66,67% (6) utilizam Fluoxetina, 22,22% (2) Paroxetina e 11,11% (1) Citalopram (Figua 2). A ação antidepressiva dos ISRS deve-se a inibição da captação neuronal de serotonina pelo sistema nervoso central. Seus efeitos adversos mais comuns provêm do próprio bloqueio desta recaptação: náuseas, anorexia, insônia, perda da libido, falência do orgasmo (RANG et al., 2003; BALDESSARINI, 2006).

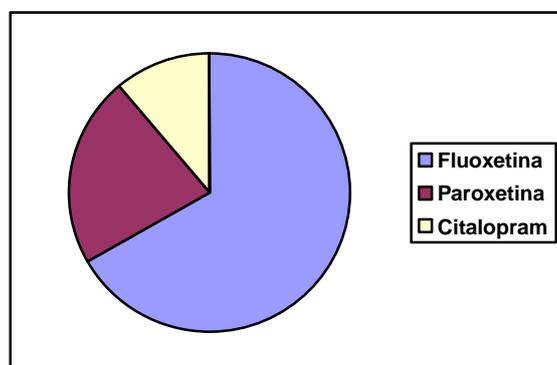


Figura 2. Medicamentos utilizados.

Com relação aos efeitos colaterais 44,44% (4) dos usuários relataram sentir secura da boca, 22,22% (2) agitação, 22,22% (2) ganho de peso, 22,22% (2) taquicardia, 44,44% (4) sentem sonolência diurna, 11,11% (1) ansiedade, 22,22% (2) redução da libido, 11,11% (1) náuseas e vômitos e perda de peso, 33,33% (3) insônia, 11,11% (1) nervosismo, 33,33% (3) tremores e 11,11% (1) euforia (Tabela 1). Entretanto, 22,22% (2) dos usuários afirmaram não sentir efeito algum com o medicamento.

Tabela 1. Efeitos Colaterais Apresentados

Efeitos Colaterais	Quantidade (em %)
Boca Seca	44,44%
Agitação	22,22%
Ganho de Peso	22,22%
Tauicardia	22,22%
Sonolência Diurna	44,44%

Ansiedade	11,11%
Redução da Libido	22,22%
Náuseas, vômitos e perda de peso	11,11%
Insônia	33,33%
Nervosismo	11,11%
Tremores	33,33%
Euforia	11,11%

Fonte: Acadêmicos do Centro Universitário de Maringá

Entre os participantes, 22,22% (2) já fizeram tratamento anterior com medicamento antidepressivo. Por fim, 22,22% (2) afirmam fazer uso da medicação para tratamento da depressão, 33,33% (3) afirmam usar o medicamento para tratamento de ansiedade, 11,11% (1) tratamento da ansiedade e distúrbios da articulação temporomandibular (ATM), 11,11% (1) tratamento de enxaqueca e 11,11% (1) tratamento de tensão pré-menstrual (TPM) (Figura 3). Apesar de estes medicamentos serem classificados como antidepressivos, eles são utilizados para muitos outros distúrbios médicos, como anorexia nervosa, ansiedade, pânico, bulimia, narcolepsia, déficit de atenção, distúrbio obsessivo compulsivo, distúrbio do pânico, distúrbio de estresse pós-traumático, enurese, enxaqueca, parar de fumar, náuseas causadas pela quimioterapia, dor crônica, úlcera péptica e urticária (SOUZA, 1999).

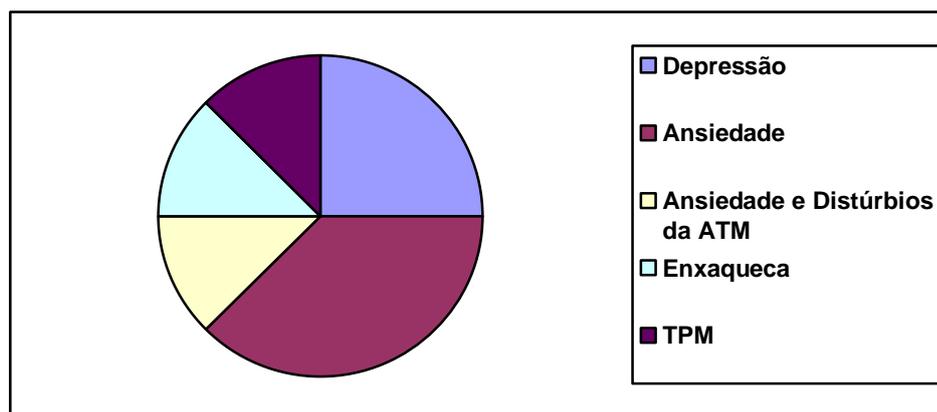


Figura 3. Indicação do medicamento antidepressivo.

CONCLUSÃO

A prevalência do uso de antidepressivos nesta população especial é maior se comparada à população geral. Os acadêmicos que utilizam estes medicamentos utilizam o subgrupo terapêutico de Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina, sendo que utilizam estes medicamentos para diversos fins, não apenas para o tratamento da depressão, o que aumenta o índice de uso dos mesmos.

REFERÊNCIAS

BALDESSARINI, R. J. Tratamento farmacológico da depressão e dos transtornos de ansiedade. In: BRUNTON, L. L.; LAZO, J. S.; PARKER, K. L. **Goodman & Gilman: As bases farmacológicas da terapêutica**. 11. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill Interamericana do Brasil, 2006. p. 383-410.

CONTE, M.; GONÇALVES, A. Ampliando elementos da educação médica: morbidade referida em universitários de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 15-19, jan./abr. 2006.

ESTEVES, F. C.; GALVAN, A. L. Depressão numa contextualização contemporânea. **Revista Aletheia**, Canoas, n. 24, p. 127-135, jul./dez. 2006.

FINLEY, P. R.; LAIRD, L. K.; BENEFIELD, W. H. Mood disorders I: Major depressive disorders. In: KODA-KIMBLE, M. A. et al. **Applied therapeutics**: The clinical use of drugs. 8. ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2004.

FUREGATO, A. R. F. et al. Depressão e auto-estima entre acadêmicos de enfermagem. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 33, n. 5, p. 239-244, set./out. 2006.

RANG, H. P. et al. **Farmacologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SOUZA, F. G. M. Tratamento da depressão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 21, s. 1, p. 18-23, maio 1999.

TENG, C. T.; HUMES, E. C.; DEMETRIO, F. N.. Depressão e comorbidades clínicas. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 149-159, jun. 2005.